



ORLANDO CALIMAN

Desafios da educação na era digital

No último artigo levantei alguns desafios que teremos que enfrentar a partir das transformações provocadas pelos avanços, que acontecem em velocidade crescente, no campo do conhecimento e de suas mais diferenciadas aplicações. Refiro-me àqueles avanços com maior potencial de transformar a vida das pessoas, as formas destas se relacionarem na sociedade, produzirem riqueza, consumirem produtos e serviços e se desenvolverem. Como consequência, também o mundo do trabalho sofrerá mudanças profundas, que repercutirão nos sistemas educacionais e na preparação para as novas habilidades demandadas.

São transformações já em curso e que carregam cada vez mais elementos que sinalizam para o advento de uma nova era, a digital. Isso, pela influência e participação de tecnologias da informação e comunicação, principalmente a partir da internet e o que esta proporciona em termos de espaço – campo aberto – para

a criação e difusão de conhecimentos.

Naquele artigo chamei a atenção para desafios que deverão ser enfrentados, colocando foco na educação, tendo em vista a necessidade de atender às novas habilidades que serão exigidas, em especial, no “novo” mundo do trabalho. É um desafio que implicará na necessidade de se fazer mudanças profundas na própria maneira de ensinar nas escolas, nas universidades e na qualificação profissional. As pessoas terão que estar preparadas para o descarte de habilidades obsoletas e ao mesmo tempo para a adequação e a qualificação de forma continuada para novas. Isso, numa velocidade crescente.

Se o diagnóstico da educação do momento indica-nos que estamos longe de atender às necessidades atuais, quanto mais àquelas que estão por vir. Não somente as nossas escolas se encontram paradas no tempo, como também nossos professores não conseguem escapar da rigidez de processos de aprendizado que também não mais fascinam ou contagiam os seus alunos. Estes sim, já antenados nessa nova era e também acionados por outras e novas motivações.

O Valor Econômico, na sua edição do dia 12, publicou um artigo interessante e provocativo sobre o tema, “O Apre-

Temos escolas do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI: há total ausência de sincronia de tempos no quesito educação

dizado dos Alunos e Nosso Sistema Educacional”. Nele, o professor Luiz Carlos Lobo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, resume a situação da educação no Brasil. Segundo ele, temos hoje escolas do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI. Ou seja, estamos diante da total ausência de sincronia de tempos no quesito educação.

Mas, o foco principal do artigo do professor foi a abertura para uma discussão que no Brasil é tabu: a possibilidade de validação do conhecimentos e habilidades fora da sala de aula, o que significa admitir-se que o aprendizado possa acontecer para além da tradicional exposição de “matérias” em hora e local certos, circunscrito às quatro paredes de uma sala de aula. Haveria, portanto, espaço para certificação – validação – do aprendizado sem atendimento da exigência do cumprimento de carga horária docente e das verdadeiras “jaulas” das grades curriculares, a maio-

—
“O papel do professor é assegurar o aprendizado dos alunos e não apenas ensinar”

ria delas consideradas já ultrapassadas.

Além disso, para ele, até como consequência dessa ausência de sincronia de tempos entre a escola, o professor e o aluno, no processo de aprendizado, a forma de ensinar atual acaba inibindo a criatividade dos alunos, desmotivando-os e até afastando-os da escola. Para esses alunos, a sala de aula apresenta-se tão distante do presente quanto do futuro que os desafiam. Deixa-os, isto sim, mais inseguros e desorientados, ou “desencaixados” na sociedade.

Segundo ainda o professor, o nosso sistema de educação está centrado muito mais no processo de ensino, portanto no professor, do que no processo de aprendizado. Isso é considerado por ele um equívoco. E mais, peca-se pela rigidez dos conteúdos, das formas de ensiná-los e distribuí-los no tempo, o que comumente é chamado de carga horária docente. Assim, não mais faria sentido trabalhar-se com modelos de ensino confinados em verdadeiras “jaulas” – grades – curriculares.

O papel do professor, completa, é “assegurar o aprendizado dos alunos e não apenas ensinar”. É admitir-se que estão à disposição desses alunos do século XXI múltiplas janelas de aprendizado, não restritas à sala de aula ou ao professor.